



A FÊ DE ISRAEL E A FÊ DE JESUS, GLÓRIA DE ISRAEL

Nicoletta Crosti

Caderno 10

Setembro – 2006

www.fundacao-betania.org

A FÉ DE ISRAEL E A FÉ DE JESUS, GLÓRIA DE ISRAEL*

Nicoletta Crosti

Com os estudos bíblicos do séc. XX, a Igreja redescobriu as raízes hebraicas da fé cristã e, conseqüentemente, convidou os cristãos a conhecer a tradição religiosa hebraica. Diz o Concílio Vaticano II, na declaração conciliar *Nostra Aetate*, 4: “A Igreja não pode esquecer... que se alimenta da raiz da boa oliveira na qual foram enxertados os ramos de oliveira selvagem, que são os gentios... Sendo, então, tão grande, o património espiritual comum aos cristãos e aos hebreus, este sacro concílio deseja promover e recomendar entre eles um conhecimento e estima mútuos...”. Outros escritos posteriores da Santa Sé, a propósito afirmam: “A respeito desta relação única existente entre o cristianismo e hebraísmo”, “ligados ao próprio nível da sua identidade” (João Paulo II, 6 Março 1982), relações “fundadas sobre o desígnio do Deus da Aliança” (ibidem), os hebreus e o hebraísmo não deveriam ocupar um lugar meramente ocasional ou marginal na catequese e na pregação, mas a sua indispensável presença deve ser organicamente integrada.¹” E, ainda: “Em termos práticos, é por isso necessário, em particular, que os cristãos procurem compreender melhor as componentes fundamentais da tradição religiosa hebraica e conheçam as características essenciais com as quais os próprios hebreus se definem à luz da sua realidade religiosa.”²

A reflexão que se segue pretende responder a este convite e dar a conhecer quer os elementos fundadores da fé de Israel, necessários para compreender a nossa fé cristã, quer o caminho de fé do hebreu Jesus, “Jesus é hebreu e é-o para sempre...” recordam os *Sussidi*³.

A FÉ DE ISRAEL

Premissa

A fé hebraica nasceu e cresceu no Médio Oriente e nos seus três mil e mais anos de história evoluiu sem conhecer a conceitualização abstracta através de categorias lógicas do pensamento grego/europeu, nem estruturou de modo orgânico ou sistemático a sua fé. Não existe um ‘credo’ hebraico semelhante ao Símbolo Niceno-Constantinopolitano usado pelos cristãos. É, por isso, uma presunção querer expressar em poucas palavras a profundidade da experiência religiosa do povo de Israel. Todavia, se aprofundarmos as orações, muito antigas⁴, litúrgicas e pessoais, dos hebreus, baseadas no Antigo Testamento

* Esta Conferência foi realizada na sede da Fundação Betânia, em 9 de Setembro 2006.

¹ *Sussidi per una corretta presentazione degli Ebrei e dell’Ebraismo nella predicazione e nella catechesi della Chiesa Cattolica*”, Comissão para as relações religiosas com o hebraísmo, 24 junho 1985, I,2

² “Orientamenti e suggerimenti per l’applicazione della dichiarazione *Nostra Aetate* (n.4)”, Commissione per i rapporti religiosi con l’ebraismo, 1 dicembre 1974, introduzione.

³ *Sussidi ...ibidem*, 3,1.

⁴ No início as orações não podiam ser escritas, deviam ser espontâneas, por isso é difícil datar a sua origem. Seguramente a estrutura da oração hebraica tomou forma no período do segundo Templo, III-IV séc. a.C. e permaneceu fundamentalmente idêntica até à sua codificação nos

e nascidas de uma fé que conhece a presença de Deus e a escuta da sua Palavra, vemos que nelas afloram, insistentemente, os mesmos temas. É lícito considerá-los como os fundamentos da fé de Israel.

Como reza o hebreu

A tradição impõe que durante a oração sejam utilizados alguns objectos sagrados, por exemplo o *tefillin*, filactérios, ligados à volta do braço esquerdo, o mais próximo do coração, e sobre a fronte, para indicar que a mente e o coração estão ambos envolvidos na oração. Estes filactérios são compostos por duas caixas negras de couro da qual partem duas longas tiras que se enrolam à volta do braço. Nas caixas são colocados pequenos rolos com os quatro passos da *Torah* considerados fundamentais para Israel: Ex 13,1-10 (a Páscoa), Ex 13,11-16 (primogénitos), Dt 6,4-9 (amar a Deus), Dt 11,13-21 (observação dos mandamentos). Enquanto enrola as tiras à volta do dedo médio, em sinal da relação nupcial com Deus, o crente diz: *Ficar-te-ei ligado para sempre, ó Senhor, e serão laços de justiça e de equidade, bondade e misericórdia. Ficar-te-ei ligado com fidelidade absoluta, porque tu és o meu Deus*⁵. O gesto e as palavras mostram-nos como o hebreu vivia e quanto está no centro da sua fé, a vocação da Aliança, expressa na fórmula: “*Eu serei o vosso Deus e vós sereis o meu povo*”. Esta Aliança é assumida como uma relação de amor exclusiva e de pertença recíproca e profunda, com a qual o crente se compromete (“*Tudo quanto o Senhor ordenou nós o faremos e o escutaremos*”, Ex 24,7) e se empenha, como numa relação nupcial. Deus toma Israel a seu cuidado e Israel cuida dos projectos de Deus. Quando o hebreu reza a *Amidah* (que significa “estar em pé”) deve taxativamente estar de pé e dirigido para Jerusalém, lugar da santidade. Esta posição é necessária para sublinhar a igualdade de direitos e a autonomia diante daquele a quem alguém se dirige. O estar de pé é típico de um ser humano livre, que não se curva por terra como se fosse um escravo. Israel foi realmente liberto por *Adonai*⁶ e deve permanecer como tal diante dele. É a sua posição de ser humano livre, e, num certo sentido, autónomo, que dá valor ao seu estar à disposição de Deus por amor e de lhe obedecer. O Deus de Israel, de facto, não ama a obediência servil⁷ ou provocada pelo medo.

A *berakàh*

A oração por excelência da liturgia e da espiritualidade hebraica é a *berakàh* (bênção ou acção de graças). *Bendito sejas tu Adonai, nosso Deus...* é a mais antiga e mais santa fórmula que remonta aos patriarcas (Gen 24,27), ao tempo do Êxodo (Ex.18,10) ou aos Reis (I Re 5,21) e continua a sê-lo até hoje. Exprime a disposição com que os fiéis se colocam diante de Deus e diante do mundo, uma disposição de admiração, de louvor, de reconhecimento da bondade de Deus. De facto, Israel crê que só Deus é a fonte de todo o bem que existe ou que o ser humano encontra dentro de si. No decurso do dia, cada hebreu deve dizer pelo menos cem bênçãos porque cada evento quotidiano constitui motivo de

Sidurím do séc. IX d.C. Os estudiosos hebraicos fazem remontar algumas das orações actuais ao Segundo Templo, 400 a.C..

⁵ E. Kopciowski, *Ascolta Israel, Figlie di S. Paolo*, Roma 1983, 6.

⁶ Adonai é a leitura litúrgica do Tetagrama, o nome proibido do Deus de Israel.

⁷ Será o comportamento que Jesus reprova ao soldado que o esbofeteia diante de Caifás (Jo 18,22).

bênção. Nada acontece por acaso, nem o nascer do sol, tudo há de ser considerado como um dom recebido de um Deus bom.

No Talmud diz-se: *Está escrito: ao Eterno pertence a terra e tudo quanto ela contém, o universo e os seus habitantes (Sl 24,1). Porque quem usa de uma coisa deste mundo ⁸sem primeiro ter dirigido a Deus uma bênção, comete uma falta. (TB Bar 35a).*

A bênção é de origem divina; de facto, no início, só Deus abençoava, mas depois concede às suas criaturas a possibilidade de participarem nesta função. Assim nasceram dois tipos de bênções, a que Deus concede ao ser humano e a que o ser humano devolve a Deus para lhe agradecer e para o louvar. Ambas estão presentes em Gen 14,20. É uma postura contemplativa que caracteriza o coração do hebreu em cujo centro não está aquilo que ele pode fazer por Deus, mas antes aquilo que Deus continuamente faz por ele. A pessoa não se considera o centro da sua própria existência, o centro é Deus, o único ponto de referência, a quem o crente continua a olhar e em quem continua a confiar-se.

A oração mais codificada da liturgia hebraica na sinagoga é a oração da manhã e da tarde, composta pelo *Shemàh*, pela *Amidah* e pela *Qaddish*.

O *Shemàh* Israel (Escuta Israel)

É uma profissão de fé que acompanha o hebreu onde quer que se encontre e o torna consciente de quanto está no centro do seu próprio credo. Cantaram-no muitos mártires hebreus enquanto se preparavam para morrer, os últimos dos quais aqueles que entraram nas câmaras de gás dos campos nazis.

É composto por duas bênções introdutórias⁹. Na oração da manhã: *“Bendito sejas tu Adonai, nosso Deus, Rei do universo, que forma¹⁰ a luz e cria a obscuridade, que faz a paz e cria todas as coisas¹¹... Aquele que ilumina a terra com a sua misericórdia e na sua bondade renova sempre, cada dia, a obra da criação. Como são grandes as tuas obras, Adonai! ... Senhor nossa força, Rocha do nosso asilo, Escudo da nossa salvação, nosso único Refúgio.”*

Face a um novo dia, o fiel exprime a sua admiração pela luz nova que resplandece, vista como uma nova criação. Porque o Deus de Israel é aquele que está sempre a trabalhar, cada novo dia é obra sua, uma nova ocasião dada à criatura para uma vida vivida segundo o seu ensinamento. Jesus dirá *“O meu pai trabalha sempre e eu trabalho também”* (Jo 5,17).

O Deus de Israel é apresentado, seguidamente, como um Deus criador de tudo, que ama a diversidade, o céu e a terra, a luz e as trevas, a água e a terra enxuta. Por ele, criar é pôr ordem no caos (Gen, 1), é um “distinguir” para dar identidade a cada coisa, ou para pôr todas as coisas em relação entre si. Na oração não existe qualquer forma de dualismo, não há um deus da luz e um deus da obscuridade, à maneira pagã, mas um único Deus que, ao criar a obscuridade permanece misteriosamente Deus da luz e do amor. O Deus que transforma o caos inicial num mundo esplêndido é o mesmo que transformará os escravos do faraó em homens livres e, do mesmo modo, transformará as derrotas em vitórias, porque ele tem o poder absoluto de um Rei, ele é o Onnipotente.

⁸ R. Aron “Cosi pregava l’ebreo Gesù” Marietti Casale Monferrato, 1982,53.

⁹ As orações a seguir citadas são tomadas de Rita Torti Mazzi “La preghiera ebraica”. Ed. San Paolo Cinisello Balsamo, 2004, 145-150, com a substituição do termo Senhor por Adonai.

¹⁰ Note-se a estranheza de se dirigir a Deus tratando-o por tu, sinal de uma grande familiaridade, e depois o uso da terceira pessoa do singular, para recordar que Deus permanece sempre o Outro e o Eterno.

¹¹ O texto de Is 45,7 a que se refere a oração diz: *que criou o mal*, que na liturgia está traduzido de maneira diferente para evitar um malentendido.

A primeira oração termina com a passagem do Deus criador ao Deus salvador, que vem expresso na rocha, no escudo, no amparo. Não podia ser de outro modo, dado que a primeira experiência religiosa de Israel foi a libertação/salvação da escravidão do Egito: “*Longe de nós abandonarmos o Senhor para servir outros deuses! Pois o Senhor nosso Deus é que nos tirou, juntamente com nossos pais, da terra do Egito, da casa da escravidão, e realizou aqueles maravilhosos prodígios aos nossos olhos*” (Js 24,16-17). Só posteriormente, sob a influência dos mitos babilônicos da criação, Israel conhecerá o Deus criador.

O tema da realeza de Deus, “Rei do universo”, é retomado com vigor numa outra oração da manhã “*Adonai é Rei. Adonai reina. Adonai reinará na eternidade e para sempre ... Adonai será rei sobre toda a terra*”. O Deus de Israel não só domina sobre toda a criação e as criaturas, mas é o Senhor que se envolverá com a história, a qual permanece sempre nas suas mãos (Sl 136/135). Adonai fez da promessa que deve manter, primeiro a Noé (Gen 9,8-17) e depois a Abraão (Gen 17,2-8), uma promessa de bens, de plenitude de vida, de saciedade. Adonai reina sobre os acontecimentos humanos conjugando a sua liberdade absoluta com a liberdade relativa do homem, de modo a permitir ainda a este último que se empenhe pessoalmente na evolução da história, que não acontece de modo determinístico, mas que, no entanto, é conduzida por Deus para um ponto final, em que todas as promessas de sumo bem por ele proclamadas serão cumpridas. O sumo bem para Abraão, o nómada, eram a descendência, a terra e a bênção. Depois se falará do banquete escatológico para todos os povos sobre o monte de Sinai (Is. 25,6-7), quando o Senhor Deus *aniquilará a morte para sempre e enxugará as lágrimas de todas as faces*; e, ainda, da transformação do coração (metanóia) (Jer 31,31-34; Ez 36,24-28), quando Deus reinará no coração de todas as suas criaturas. Israel acredita que Adonai é fiel e por isso vive aguardando e esperando o *shalom* definitivo.

Na segunda bênção da manhã diz-se: “*Com grande amor nos amaste ... Nosso Pai, nosso Rei; por atenção aos nossos pais, que tiveram fé em ti e aos quais ensinaste preceitos de vida, dá-nos a mesma graça e ensina-nos. Nosso Pai, Pai misericordioso e compassivo ... ilumina os nossos olhos com a tua Torah*¹², *prende o nosso coração aos teus preceitos e unifica o nosso coração para que ame e tema o teu Nome ... Tu que nos escolheste de entre povos e línguas e que nos aproximaste do teu nome verdadeiramente grande, para te louvar ... Bendito seja Adonai que acolhe com amor o seu povo Israel*”.

Esta bênção é chamada *birkat ha Torah* porque se louva Deus pelo dom da Torah, o ensinamento recebido no Sinai, que estrutura a fé de Israel e de que Israel se orgulha. *E que grande nação haverá, que possua leis e preceitos tão justos como esta lei que hoje vos apresento?* (Dt 4,8). Um ensinamento dado a Israel para que testemunhe quem é Adonai diante dos gentios. (Is 49,6) e seja portador de bênçãos: *farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome e serás uma fonte de bênçãos.* (Gen.12,2-3).

No início e no fim da oração vem sublinhado o amor gratuito por Israel, que está na origem do chamamento de Adonai e dos seus dons. Israel, consciente de ser um povo insignificante (Dt 7,7) e infiel (Ez,16), continuará a bendizer o Senhor e a permanecer numa admiração reconhecida por ter sido escolhido por ele, por ser sua propriedade privada (*segullàh*) (Dt 7,6; Ex 19,5-6) e parceiro de uma aliança (Gen 17,2-8 e Ex, c.24).

¹² A *Torah*, erradamente traduzida por Lei, significa o ensinamento, compreende em sentido específico os primeiros cinco livros do antigo testamento e em sentido genérico a palavra revelada no Antigo Testamento. O Deus de Israel é um Deus que ensina mais com os factos (libertação da escravidão do Egito, guia pelo caminho do deserto, revelação no Sinai ...) do que com palavras (os 10 mandamentos).

Depois de duas orações introdutórias, lê-se o próprio *Shemàh* (Dt 6,4-9)¹³: *Escuta Israel: Adonai é o nosso Deus; Adonai é único. Amarás Adonai, teu Deus, com todo o teu coração, com toda a tua alma e com todas as tuas forças. Estes mandamentos que hoje te imponho estarão no teu coração. Repeti-los-ás aos teus filhos e reflectirás sobre eles... atá-los-ás ao teu braço como sinal...*

O imperativo “escuta Israel” significa que Israel deve estar sempre pronto a dizer aquele “*aqui estou*” que é típico do servo, que se coloca à disposição do seu senhor, a quem não serve pelo lucro ou por interesse, mas por amor, um amor autêntico, envolvente, forte, radical. Os profetas estão sempre a recordar que deve ser banida qualquer forma de legalismo ou de mera adesão formal aos preceitos. (Is 1, 11-17; Jer 14,11-12; Os 6,6).

Adonai é único, é o fundamento da fé hebraica, Adonai é a plenitude, o Deus indiviso que garante a vida e a salvação. É um “Deus ciumento” (Js 24,19), exigente, que não admite a idolatria e que quer o assentimento total da criatura (*com todas as tuas forças*). É um Deus que quer que a sua palavra seja interiorizada e que esteja presente no coração (*com todo o teu coração*). Sobre este ponto, Israel continuará a cair, e por isso na sua oração pedirá a fidelidade: *Prende os nossos corações aos teus preceitos*.

A *Amidàh*

Trata-se de uma oração muito antiga. Segundo alguns estudiosos, algumas partes remontam à Grande Assembleia do sec.IV aC. As variações sofridas, desde então, em nada alteraram a sua estrutura fundamental.

Só depois de ter mencionado a grandeza de Deus Criador, Salvador, Rei, que escolheu Israel, com quem fez aliança e a quem Deus deu a Torah, a comunidade ousa expressar 13 petições, inscritas na oração das 19 bênçãos. Na primeira petição, pede-se a consciência e o discernimento que abrem o caminho ao valor fundamental do hebraísmo que é a conversão do coração expressa pelo termo “regresso” (*Teshuvàh*); é o voltar a Deus de quem se tinham afastado (*faz-nos voltar à tua Torah, ó nosso Pai, e faz-nos voltar, ó nosso Rei, ao teu serviço*). Este “faz-nos voltar” exprime a convicção que só Deus pode converter o coração. Depois da conversão, vem o perdão (*absolve-nos, ó nosso Rei, porque nos revoltamos*). Segue-se a redenção: *olha a nossa miséria, redime-nos graças ao teu nome*. Passa-se depois às necessidades materiais entre as quais a cura (*cura-nos de toda a enfermidade*), a bênção do ano, o retorno dos exilados (*reúne-nos dos quatro cantos da terra*), a justiça (*repõe os nossos juízes como nos tempos antigos e só Tu reines sobre nós*), para acrescentar a eliminação de todos os males e heresias (*erradica, quebra, abate e, nos nossos dias, elimina os soberbos*), e em contrapartida o pedido da recompensa para todos aqueles que são justos e piedosos (*concede uma boa recompensa a todos aqueles que confiam no Teu Nome*). Pede-se, ainda, pelo grande privilégio de Israel ter uma cidade em que mora Adonai (*Volta com misericórdia à tua cidade de Jerusalém e permanece nela como prometeste*). Segue-se, depois da destruição no ano 70 d.C. (*Reconstrói-a depressa, nos nossos dias com uma reconstrução eterna*) para terminar com o pedido de que desponte o germen de David.¹⁴ (*o germen de David teu servo está prestes a despontar porque cada dia esperamos a tua salvação*).

É interessante notar que as petições começam pedindo insistentemente a Deus que se manifeste como o redentor do próprio íntimo, pedindo a conversão do coração que ainda

¹³ Ao texto de Dt 6,4-9 acrescenta-se Dt 11,13-21 em que vêm mencionadas as bênçãos associadas à mesa em cumprimento dos preceitos e as consequências negativas legais das mesmas. Num 15,37-41 vem depois para recordar o significado do *Tallit*.

¹⁴ Esta petição assenta na tradição da Palestina.

não está convertido mas que se deseja que estivesse: *Procurai primeiro o Reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais se vos dará por acréscimo*, dirá Jesus (Mt 6,33; Lc12,31).

O Qaddish

Esta oração juntamente com o *Shemàh* é considerada um pilar da liturgia hebraica. O termo deriva da raiz *qadosh*, santo. Diz Birnbaum¹⁵: “Unindo o conjunto da tradição, relativa ao amor e ao respeito, a oração do *qaddish* é descrita como um fio sagrado em Israel. O *qaddish* faz bater em uníssono o coração dos pais e dos filhos”.

Na oração: *seja louvado e santificado o seu grande Nome, no mundo que ele criou segundo a sua vontade, venha o seu reino, durante a vossa vida e os vossos dias e durante a vida de toda a casa de Israel dentro em breve e no futuro. Seja louvado, glorificado e exaltado... o Nome do Santo... ele que está acima de todas as bênçãos... Aquele que nos lugares excelsos estabelece a paz, na sua misericórdia estabeleça a paz sobre nós e sobre todo o Israel.* É uma oração que proclama a santificação do nome, ligando-a à vinda do Reino. Reino que a comunidade invoca e espera, sabendo que só Adonai pode fazê-lo vir. De facto, o reino de Deus estará presente na terra quando o coração dos seus filhos for à sua imagem, segundo o mandamento do Lev 11,45 e 19,2: *sede santos porque eu sou santo*. O hebreu está convencido que é Deus que santifica os seus fiéis (*Para que se saiba que sou Eu, Adonai, quem vos santifica*) (Ex 31,13) e que transforma o seu coração, tornando-o um espelho da santidade de Deus (Ex 36,26-27). No *Qaddish* a vinda do reino é claramente limitada à “casa de Israel”.

O credo de Israel

Da oração atrás exposta, pode extrair-se um credo breve.

Credo em Adonai que é o Criador e está sempre a agir, para guiar a história humana para sua plenitude.

Credo em Adonai, nosso Pai, única fonte de todo o bem e rico em misericórdia, que devemos bendizer, louvar e agradecer.

Credo em Adonai que é Rei, na eternidade e para sempre, mas que não quer reinar sozinho, e por isso estabeleceu uma aliança com as suas criaturas, Noé e Abraão.

Credo em Adonai que é Redentor, que libertou o povo da casa da escravidão no Egito e do poder da Pérsia na Babilónia.

Credo em Adonai que amou Israel, o escolheu, quis fazer dele seu povo e o uniu a si por meio de uma aliança, concedendo-lhe que se tornasse santo como ele é santo, para levar a salvação até aos extremos da terra.

Credo em que Israel aceitou a aliança unindo-se ao seu Senhor e declarando pôr em prática os seus preceitos de vida.

Credo em que Israel não foi fiel e corre o risco de continuar anão ser fiel ao seu Senhor, mas Adonai, que é compassivo e rico em misericórdia, permanecendo fiel à sua promessa, fará com que venha o seu *Reino de justiça e de paz*.

¹⁵ P Birnbaum, “A book of Jewish Concepts”, citado por C. di Sante in “Preghiera d’Israele”, Marietti, Casale Monferrato, 1985, 175.

A FÉ DE JESUS

Premissa

Os estudos bíblicos do século passado abriram novas orientações na interpretação do Novo Testamento, re-descobrindo a plena humanidade de Jesus. Esta permanece como tal e não se confunde com a sua divindade, ainda que coexista com ela, como disse o Concílio de Calcedónia de 451. Consequentemente, diz Carlo Molari¹⁶ não se aceita mais a crença de muitos teólogos, incluindo São Tomás, segundo a qual Jesus vivia imerso num estado particular de visão beatífica, conhecendo tudo de si, da sua vida e da verdade revelada. Esta visão beatífica teria impedido Jesus de exercitar a fé e a esperança, que pressupõem um não conhecer e não ver. Durante séculos não se falou da fé **de** Jesus mas só da fé **em** Jesus, forçando os textos de Paulo¹⁷ que, por vezes, usam a expressão “de Jesus” (Gal 2,16; 3,22; Ef. 3,12 ...). A definição da carta aos hebreus (12,2) *Jesus autor e consumidor da fé*, não deixa margem para equívocos.

Por outro lado, o concílio Vaticano II esclarece que o crer não é tanto um conhecer a verdade da fé (catecismo de Pio X) mas antes um abandonar-se completa e livremente a Deus, prestando-lhe a adesão da inteligência e da vontade (*Dei verbum*, n. 5). Por isso, a fé é, em primeiro lugar, uma disposição com que se vive a experiência da própria existência. Esta premissa permite-nos falar do caminho da fé do hebreu Jesus, o Filho de Deus, que assume a fraqueza da natureza humana (D.V. n. 13) e a dimensão temporal do devir. Diz Lucas (2,52): *Jesus crescia em sabedoria, em estatura e em graça diante de Deus e dos homens*; e também (2,46): *Três dias depois, encontraram-no no templo, sentado entre os doutores, a ouvi-los e a fazer-lhes perguntas*, uma atitude típica do discípulo que não sabe e quer saber. Na carta aos hebreus, lê-se (5,8-9): *Apesar de ser Filho de Deus, aprendeu a obediência por aquilo que sofreu e, tornado perfeito, tornou-se (eghéneto) para todos os que lhe obedecem fonte de salvação eterna ...*

Falar da fé de Jesus significa, então, falar do seu desenvolvimento, de uma metanóia no processo de se confiar a Deus e pôr Deus no centro da sua própria existência.

Os evangelhos

Os evangelhos dizem que Jesus vive a primeira fase da sua vida em Nazaré, pequena aldeia da Galileia, modelando a sua fé pelas orações que acima recordamos e pela religiosidade do seu povo.

È necessário lembrar que, no tempo de Jesus, o povo hebraico vivia uma crise profunda. Sofria diferentes opressões, a opressão política devido à dureza do poder romano, que impunha limites à liberdade religiosa e cobrava muitos impostos, a opressão social derivada das múltiplas injustiças e discriminações, e, ainda mais, a opressão espiritual, por falta de pastores autênticos, dado que os grandes sacerdotes estavam sobretudo interessados em manter a sua situação de privilégio, recebida do poder romano. Esta difícil situação tinha feito aumentar o desejo e a esperança da vinda do Messias. Formaram-se vários grupos que, de diferentes modos, se dispunham a esperá-lo (por ex. a comunidade de Qumran). Seguramente que também em Nazaré se respirava este clima de crise e se esperava uma mudança julgada iminente.

¹⁶ “La fede di Gesù” – Celebrazione della Pasqua, 13-16 abril 2006, ‘Ore Undici’, San Cerbone (Lucca).

¹⁷ Ainda hoje a maior parte das traduções não foram alteradas e são por isso incorrectas.

Sendo Jesus plenamente homem do seu tempo e do seu ambiente hebraico palestinese do primeiro século, com o qual partilhou as alegrias e as esperanças¹⁸ não admira vê-lo de repente mudar o seu estilo de vida, por sentir uma vocação para alcançar o Jordão onde João Baptista pregava e baptizava. João Baptista pregava a conversão numa perspectiva apocalíptica, via o dia da ira de Deus aproximar-se (*O machado já se encontra à raiz das árvores; por isso toda a árvore que não der bom fruto será cortada e lançada ao fogo.* Lc 3,9).

Jesus acreditou na necessidade da conversão que João pregava, e na necessidade de um rito de purificação que tornasse cada hebreu capaz de um autêntico regresso ao Senhor.

Jesus fez-se baptizar e os evangelhos dizem-nos que ao sair da água teve uma revelação, viu o Espírito de Deus descer sobre ele e ouviu uma voz: *Tu és o meu Filho muito amado, no qual pus todo o meu agrado* (Mt3,17; Mc 1,11; Lc 3,22). São as mesmas palavras que Adonai diz ao seu Servo (Is 42,1-9) reinterpretadas à luz do salmo messiânico (2,7): *Eis o meu Servo que eu amparo. O meu eleito que Eu preferi. Fiz repousar sobre ele o meu espírito, para que leve às nações a verdadeira justiça. Ele não gritará, não levantará a voz, não clamará nas ruas. Não quebrará a cana rachada, não apagará a mecha que ainda fumega... Eu, o senhor, chamei-te por causa da justiça, segurei-te pela mão, formei-te e designei-te como aliança de um povo e luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, para tirares do cárcere os prisioneiros, e da prisão, os que vivem nas trevas... Os primeiros acontecimentos já se cumpriram. Agora anuncio algo de novo, e comunico-o a vós antes que aconteça.* Podemos pensar que Jesus, habituado a rezar a oração do *Shemàh*, escutou e acolheu com todo o seu sentido esta revelação e deixou que o Pai dispusesse permanentemente dele. Jesus sentiu-se o servo de quem o texto falava, o servo que se coloca à disposição do senhor com humildade e não com o poder. (*O Filho do homem não veio para ser servido mas para servir* Mt20,28) e que se confia ao seu Deus, sem conhecer o futuro, como Abraão quando deixou a sua terra. Jesus compreendeu que o Pai lhe pedia que permanecesse sempre fiel no meio do povo, longe da hierarquia do poder, leigo no meio dos leigos, atento a não desprezar a cana fendida nem a brasa que fumega, mas ao mesmo tempo empenhado em abrir os olhos que ficaram cegos (Is 42,7), isto é, empenhado em mostrar o caminho às ovelhas perdidas sem pastor (Mc 6,34).

Os evangelistas dizem-nos que Jesus, depois do baptismo foi para o deserto para reflectir sobre a sua missão, para a compreender, para ver as suas implicações práticas. Ali, segundo Mateus e Lucas, reviverá as três tentações que Israel viveu no seu longo peregrinar para a terra prometida: a tentação de antepor as coisas materiais e a preocupação com a comida, às coisas espirituais e à escuta da Palavra; a tentação de instrumentalizar Deus subornando-o aos interesses pessoais; e, por último, a tentação maior de não dar a Deus todo o seu coração e toda a sua vontade, como diz o *Shemàh*, deixando existir no seu íntimo outros deuses, o poder, o dinheiro, a glória humana...

Israel caiu em todas estas três tentações (Ex 16,2; 17,7;32,1) e não teve confiança em Adonai que o tinha libertado do Egipto. Não é assim com Jesus, que, apoiando-se na *Torah*, aprendida na sinagoga, e com a força do Espírito que tinha recebido, resistiu a todas as tentações e respondeu a Satanás com aquela frase do Deuterónimo que indicava de modo inequívoco o caminho a seguir. Assim Jesus vence o poder de Satanás (*Agora é que o dominador deste mundo vai ser lançado fora* - Jo 12,31) e torna o seu coração um lugar de santidade onde o Pai reina, primícias daquele Reino que tinha começado a esperar e a desejar desde a sua infância.

¹⁸ Sussidi ...ibidem 3,1.

Segundo João (3,22-26), Jesus seguiu as pegadas do Baptista e dirigiu-se ao Jordão na Judeia onde ele e os seus discípulos baptizava e pregava a necessidade de um baptismo de conversão pelo perdão dos pecados, isto é um regresso a Deus.

Todavia, depressa, Jesus se deu conta que o seu caminho devia distanciar-se da via do Baptista, tomou consciência de que àquela via estreita sem saída em que Israel se encontrava Deus queria reponder com uma salvação nova. Convenceu-se que o seu tempo era, na verdade, um tempo de graça querido pelo Pai, um tempo de actualização da promessa (Mt 11,4-6 e Lc 4, 18-19). Uma vez mais Adonai estava disposto a renovar a aliança rompida pelo seu povo, criando uma coisa nova, que na sua sabedoria tinha preparado (*coisas que os olhos não viram e os ouvidos não ouviram e o coração do homem não pressentiu*. I Cor 2,9). Adonai estava pronto para conceder aquele dom da conversão do coração, de que tinham falado Jeremias e Ezequiel (Jer 31,33-34; Ez 36,25-27) e que Israel esperava. Jesus acreditava profundamente que o Reino de Deus tinha chegado: *Hoje cumpriu-se esta escritura (Lc 4,21). Então chegou até vós o Reino de Deus. (Mt 12,28) e o Reino de Deus está no meio de vós. (Lc 17,21)* Sentia-o dentro de si e assumia a missão de o levar a todos os que o desejassem. Era uma ocasião única, uma oportunidade a não perder, um dom que descia do alto. Não era necessário fazer penitência, bastava a abertura do coração para colher a nova salvação, que o Pai oferecia a todos gratuitamente, bons e cativos. Jesus dirá (Mt 11,28): *Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos, que Eu hei-de aliviar-vos.*

Consciente disto, Jesus deixou o Jordão e foi para a Galileia, a região menos “santa”, inquinada por toda a espécie de idolatria. Mergulhou na vida citadina, em Cafarnaum em particular, um centro comercial muito animado e rico. Jesus quis estar no meio das pessoas, na esperança de um verdadeiro renovamento religioso. Ali, iniciou a grande pregação do reino que agora estava à porta (*o Reino está próximo*) (Lc 10,9; Mt 3,2; 4,17; Mc 1,15; 10,9) e anunciou as condições necessárias para que tal acontecesse: *se não voltardes a ser como criancinhas, não podereis entrar no Reino do céu* (Mt 18,3); *Será difícil para um rico entrar no Reino* (Mt 19,23).

Nos gestos, nas acções e nas palavras, Jesus deu novo esplendor à fé de Israel, não acrescentando ou retirando nada à palavra de Deus já codificada (Mt 5,17-18), mas fazendo uma síntese pessoal que libertou a relação com Deus Pai das crostas religiosas e das super-estruturas que a mantinham aprisionada, trazendo superfície o centro, o sentido autêntico e verdadeiro da fé hebraica. Quanto a figura de Jesus foi sentida como expressão autêntica da fé do povo de Israel é expresso pela frase de Simeão no templo com o menino Jesus nos braços: *Agora, Senhor... os meus olhos viram a tua salvação que preparaste diante de todos os povos, luz que ilumina as nações e glória do teu povo, Israel* (Lc 2,30-32). Nele a fé de Israel estava a atingir o seu apogeu, num máximo de humildade *Nada faço por Mim mesmo* (Jo 8,28); de obediência: *Como o Pai me ordena, assim o faço* (Jo 14,31); de empenhamento: *terminei a obra que me deste a fazer* (Jo 17,21). Jesus será um *anawin* da tradição hebraica, isto é, o pobre, o humilde, o inocente, o manso (*Aprendeí de mim que sou manso e humilde de coração*. Mt 11,29). Será aquele que se abandona a Deus porque só Ele é o Rei que faz justiça.

Jesus tinha compreendido que o Pai agia por seu intermédio (*Ninguém pode vir a mim se o Pai que me enviou o não atrair*. Jo 6,44) e através dele os membros do seu povo terão alcançado a conversão do coração e uma outra experiência de vida. Por isso dirá: *Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida* (Jo 14,6); e repetidamente afirmava: *Segui-me* (Mt 8,22; 9,9; 19,21; Mc 2,14; 10,21; Lc 5,27; 9,59; 18,22; Jo 1,43; 21,19).

Num primeiro momento, Jesus teve sucesso e teve discípulos, especialmente entre os pecadores e os pobres, de tal modo que um dia expressou isso com uma *berakhà*: *Eu te*

louvo ó Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e inteligentes para as revelares aos simples (Lc 10,21-22; Mt 11,25).

A alegria de Jesus pelos seus primeiros sucessos durou pouco e em breve converteu-se em tristeza, chegou a chorar sobre Jerusalém, a cidade santa (Lc 19,41.44.) *porque não reconheceste o tempo em que foste visitada.* Compreendeu que quer o povo quer os seus chefes não chegavam a acreditar que o Reino pudesse realizar-se na simplicidade, humildade e interioridade e não na glória, no poder, na vitória militar. A sua gente não acreditava na boa notícia que ele anunciava.¹⁹ *A partir daí, muitos dos seus discípulos voltaram para trás e já não andavam com Ele (Jo 6, 66).* Os seus correlegionários não se mostravam capazes de confiar em Adonai e de deixar que fosse Ele a agir neles. Não estavam disponíveis para se abrirem à graça anunciada por Jesus e para aceitarem as condições: *Quem ama o pai e a mãe mais do que a mim não é digno de mim (Mt 10,37); Quem perde a vida por causa de mim e do evangelho salvar-se-á (Mc 8,35; Lc9,24).*

Os chefes religiosos, que deveriam ser os primeiros a abrirem-se, depressa se tornaram seus inimigos. Sentiam-se ameaçados pela radicalidade do ensinamento de Jesus, que destacava o coração da *Torah*.

Então, Jesus quis criar um pequeno grupo de discípulos, para que ficassem com ele e aprendessem a sua mensagem, para continuar a difundir-la depois dele. Assim escolheu os doze a quem enviou a pregar.

Porém, a hostilidade tornou-se sempre cada vez mais forte e Jesus começou a perceber que deveria receber um segundo baptismo (Mc 10,39; Lc 12,50; Jo 12,27), aquele baptismo que o Servo do Senhor de Isaías tinha visto e, como ele, João Baptista. Era a imersão no mal do mundo que o levaria a uma morte violenta. Foi o momento mais difícil do caminho de fé de Jesus. Sentiu-se sozinho, traído, abandonado, incompreendido pelos seus amigos e abandonado por Deus que não abria o coração dos seus correlegionários. Quando falava com os apóstolos preparando-os para a sua morte que sabia iminente e trágica, não sentia nenhuma compreensão da parte deles. Pedro, primeiro negou que tal pudesse acontecer (Mt 16,22), depois não foi capaz de vigiar uma única hora com ele acompanhando-o no seu sofrimento (Mt 26,40) e, por fim, negou-o (Mt 26,34).

Jesus faz uma última tentativa, indo decididamente a Jerusalém e falando no templo para converter o coração dos sumos-sacerdotes e do sinédrio em quem ainda acreditava, mas obteve um resultado contrário, de tal modo que teve de sair de Jerusalém para não arriscar a vida. A partir daí, começou a viver na clandestinidade e compreendeu que o Pai, já não o deixava pregar a vinda do Reino, mas testemunhar com a sua vida que o Reino tinha chegado. É o que Jesus fará até ao fim. Dará o bocado de pão, de amizade, a Judas que estava a traí-lo (Jo 13,26), recordado do Prov.25,2: *Se o teu inimigo tem fome dá-lhe de comer.* Quando sabe que o seu amigo Lázaro estava gravemente doente pede ao Pai que troque a sua própria vida pela do seu amigo. *Ninguém tem maior amor do que quem dá a vida pelos seus amigos (Jo 15,13).* O Pai aceitou (Jo 11,41-42) e Jesus saiu da clandestinidade para ressuscitar Lázaro, determinando assim a própria morte.

Jesus, acreditando e confiando, continuará a esperar e a crer até ao fim no poder do Pai, sempre criador, sempre capaz de criar vida a partir da morte, confortado com a palavra dita pelo servo: *Por causa dos trabalhos da sua vida verá a luz e ficará satisfeito com a sua experiência (Is 53,11).* Apesar dos acontecimentos, Jesus ficou convicto de que o Reino teria vindo, de maneira silenciosa e humilde, através de um “resto” que, ajudado pelo Espírito, teria acolhido o dom da conversão do coração.

¹⁹ No evangelho de Marcos (3,20) lê-se: *Então os seus, ouvindo isto, saíram a ter mão nele, pois diziam: Está fora de si.*

Jesus morrerá abandonando-se confiadamente nas mãos do Pai (*Nas tuas mãos entrego o meu espírito*. Lc 23,46), no próprio momento em que vive a experiência do abandono de Deus (*Deus meu, Deus meu, por que me abandonaste?* Mc 15, 34). Misteriosa combinação do sofrimento pela ausência de Deus e contínua e granítica confiança nele. É o ponto mais alto de uma fé autêntica, é o fruto do Espírito.

O Pai-nosso

Os evangelhos não nos relatam a oração pessoal de Jesus, ainda que nos evangelhos se diga expressamente que Jesus rezava, de modo pessoal, sozinho, fora do Templo, especialmente antes de tomar iniciativas importantes, como a escolha dos doze.

Todavia, temos uma belíssima oração que Jesus deu aos seus discípulos, em que vem reflectida a sua intimidade com o Pai, e o seu modo pessoal de rezar. É o Pai-nosso, referido em Mateus (6,9-13) e Lucas (11,2-4) em duas versões diferentes, sendo a de Lucas mais breve e mais antiga. Vemos de imediato que os temas propostos: a santificação do Nome, a vinda do Reino, o acontecer da vontade de Deus nascem da fé de Israel, assim como o colocar a acção de Deus Pai em primeiro lugar, citada no início, e com os verbos citados ao passivo, *seja santificado, seja feita*, (subentende-se Deus que não pode nomear-se). De facto, Jesus, como bom hebreu, sabia que só Deus pode santificar o seu Nome, fazer acontecer²⁰ a sua vontade, e fazer vir o seu Reino.

A sua oração difere, no entanto, pelo seu estilo da oração sinagoga. É uma oração essencial como foram os gestos de Jesus, sem elementos decorativos ou poéticos que possam distrair o pensamento daquilo que é importante e vital. Jesus vai direito ao centro da fé, chama pelo nome as acções de Deus e faz ver como estas se ligam com as acções dos homens. De facto, Deus para agir precisa do homem; a sua acção para ser eficaz na história deve tornar-se acção da criatura humana que livremente consente. Este mesmo consentimento da criatura vem expresso na primeira parte da oração, onde o orante ou a comunidade diz a Deus que deseja a mesma coisa que Ele deseja, que está no mesmo comprimento de onda e está comprometido com o seu projecto. Os três primeiros pedidos do Pai-nosso foram a grande paixão de Jesus, que deu sentido à sua vida e à sua missão. Na segunda parte da oração, tal como na oração sinagoga, faz-se referência às próprias necessidades, mas trata-se de necessidades estreitamente ligadas aos elementos centrais de toda a oração: fazer vir o Reino e fazer acontecer a vontade de Deus. De facto, estas necessidades são o pão para a subsistência, a reconciliação universal, a força para não ceder à provação, a remoção de todos os obstáculos que, dentro de nós e fora de nós, não nos permitem ser filhos do Pai. É a necessidade de nos embebermos da consciência da precariedade de cada criatura, sempre dependente, carente, limitada, portadora de uma liberdade doente, sempre em tensão entre o bem e o mal, incapaz, por isso, de, sem a misericórdia de Deus, deixar Deus reinar no seu próprio coração.

Brotará um rebento do tronco de Jessé... Sobre ele repousará o Espírito de Adonai (Is 11,1-2)

A falta de um diálogo autêntico, aberto, entre Igreja e Sinagoga, durante quase dois mil anos, levou os cristãos a sentirem-se filhos de uma fé particular, nascida da figura de Cristo a qual substituiria a fé hebraica com o novo evangelho. Israel surgia como superado e sem mais nenhum papel na história da salvação. A frase de Isaías (49,6), *Vou fazer de ti a luz*

²⁰ O verbo grego *gignomai* quer dizer: acontecer, tornar-se, ser realidade, e não *fazer*. É o mesmo verbo usado por Jesus no Horto de Getsêmani e por Maria na anunciação.

das nações para que a minha salvação chegue aos confins da terra, surgiu referida apenas à Igreja e não mais a Israel.

A recuperação da relação com a tradição hebraica extra-bíblica e os próprios estudos bíblicos redimensionaram a “novidade” do ensinamento de Jesus.²¹ Por exemplo, reconhecemos hoje que as bem-aventuranças, o mandamento de amar o inimigo, o considerar inseparável o amor de Deus do amor do próximo e outros ensinamentos não são uma novidade para a religiosidade hebraica. Todo o ensinamento de Jesus é baseado na Palavra de Deus de quem o próprio Jesus diz: *Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas. Não vim revogá-los, mas pôr em pratica em plenitude.* (Mt 5,17)

Não foi por acaso que, no século passado, muitos hebreus escreveram livros sobre Jesus fascinados pela sua pessoa e o apresentaram como um hebreu perfeito (P.Flusser; C. Bem-Chorin; G. Vermes; P.Placide...)

Ainda assim, cabe sublinhar que é muito pessoal o estilo com que Jesus põe a *Torah* em prática. Muitos dos aspectos destacados por Jesus não eram considerados relevantes pela religiosidade hebraica.

Por exemplo, o pôr em evidência que o bem e o mal nasce do coração do ser humano, e da sua disposição interior (Lc 6,45; Mt 15,19; Mc 7,15-23), lugar privilegiado da vinda do Reino, que não tem em conta as categorias do puro/impuro e do sagrado/profano. De facto, para alcançar a liberdade dos filhos de Deus, o ser santo como ele é santo, é necessário ir para além da exterioridade e da legalidade.

O mesmo sucede com a pequenez do início do Reino: *um grão de cevada* (Mt 13,31), *um pouco de fermento* (Mt 13,33), *o crescimento em conjunto do trigo e da cizânia* (Mt 13,27), *o não se dar a ver* (Lc 17,21), *a necessidade de renascer do alto para ver o Reino* (Jo 3,3), do qual Jesus dirá que *não é deste mundo* (Jo 18,36) porque está baseado sobre outros valores, segundo os quais *os últimos são primeiros e os primeiros são últimos* (Mt 19,30; Lc 13,30) e têm lugar privilegiado os *anawin*. *Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino de Deus* (Mt 5,3).

Existe uma absoluta novidade do Cristo que não é o seu ensinamento, mas é ele mesmo, o Filho, *o Santo de Deus* (Jo 6,69), enviado pelo Pai para ser:

- Aquele que vem resgatar o parente que caiu na escravidão, o *Goel* que vem promulgar o ano de misericórdia de Adonai (Is 61,2), e que, através da sua fé (confiança) no Pai (Gal 2,16; 3,22) a todos justifica, hebreus e não hebreus, reconciliando o céu e a terra.

- Aquele que depois da morte dá o seu Espírito. *É o Espírito quem dá a vida; a carne não serve de nada* (Jo 6,63), *Quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus* (Jo 3,5), *Os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em Espírito e verdade* (Jo 4,23). Por isso, designará o antigo mandamento do amor como “o seu mandamento”, porque Jesus deseja que seja vivido “como” ele o viveu, isto é no Espírito santo.

- Aquele que iniciou a vida transfigurada do mundo ressuscitado (ICor 15,20-22) que está para além do tempo e do espaço, o primeiro a sentar-se à direita do Pai, cumprindo assim a antiga promessa feita a Abraão.

Será oportuno recordar que Jesus não foi enviado pelo Pai para morrer na cruz, como parece dizer o Credo niceno-costantinopolitano, mas para anunciar o ano da graça do Senhor (Lc 4,19) e para, através do seu caminho de fé, actualizar a promessa de uma plenitude de vida para todos: *Eu vim para que tenham a vida e a tenham em abundância.* (Jo 10,10). O acontecimento da sua morte não corresponde à vontade do Pai, mas à

²¹ Na encíclica ***Deus caritas est*** n.12 diz-se: “*A verdadeira novidade do novo Testamento não reside em novas ideias, mas na própria pessoa de Cristo, que dá carne e sangue aos conceitos, um realismo inaudito*”.

vontade dos homens que recusaram o Filho e o pregaram na cruz, a livre vontade humana que o Pai aceitou, mas superou ressuscitando o Filho, vencendo a morte e dando possibilidade ao Filho de partilhar o seu Espírito e o seu Pão de vida (Jo 6,35) com todos aqueles que acreditarem nele.